PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO E MODOS DE HABITAR EM TERRITÓRIOS ENERGÉTICOS
Estudo etnográfico em Candiota/RS

PRODUCTION OF URBAN SPACE AND WAYS OF DWELLING IN ENERGY TERRITORIES
An Ethnographic Study in Candiota, Rio Grande do Sul

Rosilene Oliveira Silva[1] e Luana Pavan Detoni[2]

Resumo
Este artigo apresenta um estudo etnográfico sobre o habitar urbano em Candiota/RS, cidade marcada pela mineração de carvão e pela geração termelétrica. A pesquisa justifica-se pela relevância de compreender os impactos socioespaciais e ambientais em territórios dependentes de combustíveis fósseis, especialmente no contexto do Capitaloceno e da transição energética. O objetivo foi analisar como famílias corporativas vivenciam o cotidiano e constroem vínculos com a cidade. O método articulou observação participante, caminhadas etnográficas, registros fotográficos e diários de campo, em diálogo com atividades de extensão do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas, envolvendo mapeamentos e leituras morfológicas. Os resultados evidenciam relações entre trabalho, moradia e pertencimento, além de sensibilidades socioambientais ligadas à poeira, fumaça e ruídos das usinas. Conclui-se que práticas cotidianas, memórias e estratégias adaptativas revelam formas de enfrentar transformações econômicas, urbanas e laborais em contextos de instabilidade.
Palavras-chave: habitar; etnografia; antropologia urbana; planejamento urbano; Candiota.

Abstract
This article presents an ethnographic study of urban dwelling in Candiota, Rio Grande do Sul, a city shaped by coal mining and thermoelectric power generation. The research is justified by the relevance of understanding the socio-spatial and environmental impacts on territories dependent on fossil fuels, especially within the context of the Capitalocene and the energy transition. The objective was to analyze how corporate families experience everyday life and establish bonds with the city. The methodology combined participant observation, ethnographic walks, photographic records, and field diaries, in dialogue with extension activities developed by the Architecture and Urbanism program at the Federal University of Pelotas, including mapping and morphological analyses. The results highlight relationships between work, housing, and belonging, as well as socio-environmental sensitivities related to dust, smoke, and noise from the power plants. It is concluded that everyday practices, memories, and adaptive strategies reveal ways of coping with economic, urban, and labor transformations in contexts of instability.
Keywords: dwelling; ethnography; urban anthropology; urban planning; Candiota.

1 Doutoranda e mestra em Antropologia pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pelotas (PPGAnt/UFPel), Mestra em Antropologia pelo mesmo programa (UFPel),especialista em Patrimônio Cultural pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel), licenciada em História e bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). E-mail: rosilenesilva87@gmail.com
2 Doutora em Planejamento Urbano e Regional (PROPUR/UFRGS). Mestra e graduada em Arquitetura e Urbanismo (PROGRAU/UFPel). Professora na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelota e integrante do Grupo de Pesquisa CNPq Cidade+Contemporaneidade e da Mikripoli (Rede de Pesquisadores de Pequenas Cidades). E-mail: luana.detoni@ufpel.edu.br

Introdução

A cidade de Candiota, localizada na região da Campanha, cresceu à sombra do setor minerário e energético, empreendimento estatal que, desde a década de 1960, reconfigura de maneira significativa as dinâmicas urbanas e sociais do território. A formação do município está vinculada à implantação do complexo termelétrico e minerário, bem como à atuação da Companhia Riograndense de Mineração (CRM), que não apenas transformou a paisagem, mas instituiu modos de habitar, trabalhar e se relacionar com o meio ambiente. A urbanização desenvolveu-se de forma articulada à industrialização energética e minerária, conformando uma cidade polinucleada organizada em núcleos residenciais e operários que expressam a hierarquia do trabalho e as formas de organização social e espacial associadas aos setores elétrico e minerário.

A cidade foi construída a partir da lógica da produção de energia e da extração mineral, evidenciando como o urbano se inscreve em um projeto técnico e político. Nesse contexto, o habitar configura-se, na perspectiva de Michel de Certeau (1998), como prática cotidiana que reinventa o espaço vivido em meio às estruturas que organizam o uso e a circulação na cidade.

Nesse sentido, o artigo articula metodologias etnográficas da Antropologia Urbana e abordagens morfológicas do Planejamento Urbano para compreender o território polinucleado de Candiota, relacionando a produção do espaço urbano às experiências sensoriais, afetivas e modos de habitar. A partir da dissertação A cidade que cresceu à sombra da Usina: sobre o habitar das famílias corporativas na cidade de Candiota/RS (Silva, 2021), desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGANT/UFPel), e do projeto de extensão Planejamento Urbano em Candiota, vinculado ao curso de Arquitetura e Urbanismo da mesma universidade, o estudo evidenciou como formas urbanas, infraestruturas e fronteiras espaciais são apropriadas, narradas e ressignificadas no cotidiano das famílias corporativas.

Nas últimas décadas, Candiota passou a concentrar, de maneira mais evidente, os efeitos das transformações econômicas, políticas e ambientais vinculados à reestruturação do setor energético, à privatização de empresas estatais e às pressões contemporâneas da crise climática. Neste contexto, a transição energética implica considerar não apenas a substituição de matrizes fósseis, mas também a preservação dos territórios e dos modos de vida associados a biomas específicos, como o Pampa, historicamente tensionado por atividades extrativas (UFRGS, 2025).

O fechamento de fases da usina, a redução dos postos de trabalho e a incerteza quanto à permanência nas moradias das vilas operárias produziram um cenário de instabilidade em relação ao futuro urbano da cidade. Durante a pesquisa de campo, realizada entre 2019 e 2020, esses processos se manifestaram por meio de especulações acerca da privatização do complexo carbonífero de Candiota, especialmente a Usina Termelétrica Fase C. Anos depois, tais projeções se concretizaram com a venda da usina à empresa Âmbar Energia, evidenciando como decisões macroeconômicas incidem diretamente sobre o território e sobre as expectativas de futuro dos moradores.

A repercussão da venda tornou ainda mais visíveis as tensões observadas durante o trabalho de campo, demonstrando como processos de desestatização e decisões econômicas em larga escala afetam diretamente o território, repercutindo nas dinâmicas de trabalho, mobilidade e pertencimento entre moradores historicamente vinculados ao setor carbonífero.

Esse contexto evidenciou um conjunto de questões ainda pouco exploradas pela literatura sobre cidades minerárias e industriais. Apesar da ampla produção acerca da mineração, da urbanização industrial e das formas de desenvolvimento associadas ao carvão no sul do Brasil, ainda são escassos os estudos que investigam, sob uma perspectiva etnográfica, como as famílias corporativas experienciam e ressignificam o habitar em um cenário de transição energética e desaceleração das atividades termelétricas. Permanecem pouco compreendidos os modos pelos quais as práticas cotidianas, vínculos afetivos e sociabilidades locais são reconfigurados diante das transformações econômicas e políticas que atravessam Candiota. Essa lacuna analítica fundamenta a realização do presente estudo.

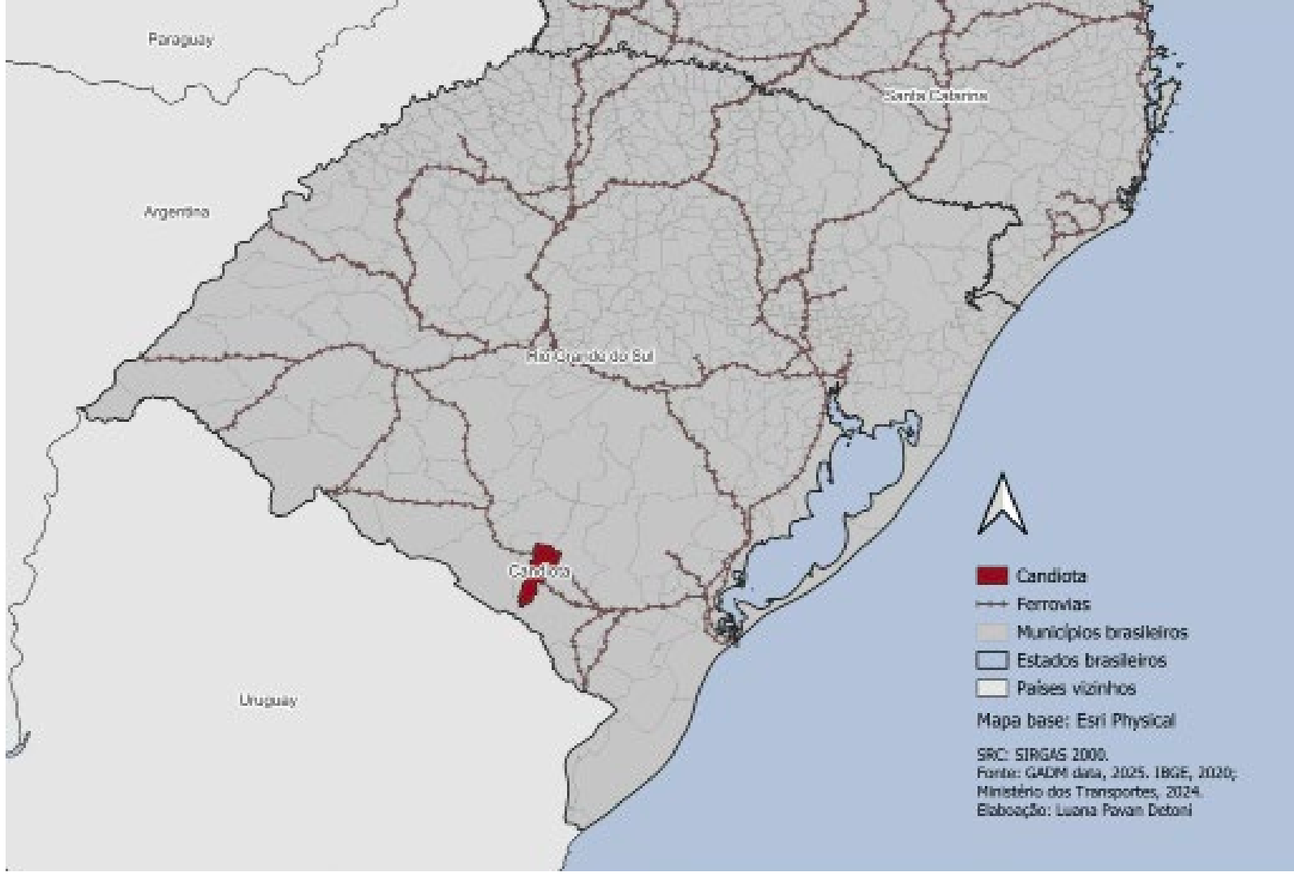
Diante dessa insuficiência, emerge a seguinte pergunta de pesquisa: como os modos de habitar das famílias corporativas evidenciam as transformações urbanas, socioambientais e afetivas em uma cidade moldada pelo carvão, e quais alternativas emergem das práticas cotidianas frente às incertezas da transição energética?

A relevância deste estudo reside na necessidade de compreender cidades extrativistas no contexto do Capitaloceno, entendido aqui como chave interpretativa para analisar as relações entre urbanização, matrizes fósseis e degradação ambiental. Em Candiota, essas dinâmicas manifestam-se de forma situada, incidindo sobre práticas cotidianas, vínculos afetivos e expectativas de futuro das famílias corporativas diante da crise do carvão e da transição energética. Assim, o município constitui um caso emblemático para refletir sobre como processos globais são vividos localmente e incorporados às experiências do habitar urbano.

O objetivo deste estudo consiste em analisar como as famílias corporativas experienciam e ressignificam o habitar em Candiota diante das transformações urbanas, ambientais e políticas que redefinem o destino do município. Os resultados apresentados neste artigo articulam-se em torno dos seguintes movimentos: (1) descrever o contexto histórico do município de Candiota, relacionado à formação urbana de cidade polinucleada; (2) articular a abordagem teórica e metodológica, etnográfica e morfológica que guia o presente estudo; (3) analisar as práticas cotidianas das Vilas Residencial e Operária, a fim de identificar táticas de habitar, formas de resistência cotidiana e sentidos de pertencimento que emergem nesse contexto.

Contexto Histórico do Município de Candiota

A história de Candiota está diretamente relacionada à consolidação da mineração do carvão mineral e à implantação das usinas termelétricas, atividades que moldaram o espaço urbano, o cotidiano e as relações sociais locais. A ocupação do território iniciou-se no século XIX, associada à pecuária extensiva e à formação das estâncias características do Pampa gaúcho. Ao longo do tempo, a introdução da agricultura e a consolidação das propriedades rurais estruturaram a base econômica e social da região. Posteriormente, a presença de jazidas de carvão mineral conferiu ao município uma nova centralidade produtiva, orientando sua caracterização energética e influenciando os processos de urbanização. A Figura 1 apresenta a localização geográfica de Candiota no contexto do estado do Rio Grande do Sul, na porção Oeste da metade Sul, próxima à fronteira nacional com o Uruguai.



O carvão mineral, base da conformação socioeconômica de Candiota, foi identificado no século XVIII pelo militar francês Emílio Luiz Mallet, durante a Guerra da Cisplatina. Na década de 1850, iniciaram-se os primeiros estudos ao seu aproveitamento sistemático e, em 1863, o Império brasileiro concedeu a primeira autorização oficial para sua lavra. Contudo, foi apenas no século XX que a exploração comercial se consolidou, com a abertura das primeiras minas e a implantação de infraestruturas destinadas ao transporte do carvão. Mais do que marcos cronológicos, esses eventos inauguraram um processo de urbanização extrativista, no qual a organização do território passa a ser ditada pela disponibilidade do recurso mineral. A autorização imperial não apenas permitiu a exploração econômica, mas estabeleceu as bases de uma dependência de matrizes fósseis que configura a identidade e a morfologia de Candiota até os dias atuais, subordinando a lógica do habitar urbano às demandas de um projeto técnico e político de produção energética. Dessa forma, o início da lavra no século XIX pode ser compreendido como o marco zero da inserção de Candiota nas dinâmicas do Capitaloceno, onde a produção do espaço urbano é inseparável da degradação ambiental e da exploração intensiva de recursos.

Nesse contexto, a implantação da ferrovia no distrito do Seival desempenhou papel central na articulação entre a extração carbonífera e os centros urbanos regionais, viabilizando o escoamento da produção e impulsionando a urbanização local. A infraestrutura ferroviária integrou áreas minerárias às dinâmicas econômicas regionais, contribuindo para a consolidação de Candiota como território estratégico no circuito energético e industrial do sul do Rio Grande do Sul. Com o avanço da rodoviarização no Rio Grande do Sul, nas décadas seguintes, entretanto, o modal ferroviário perdeu centralidade, alterando a dinâmica econômica municipal.

Figura 1- Localização do município de Candiota. Fonte: Autoras, 2026.

A década de 1950 marcou uma inflexão significativa no desenvolvimento regional com a implantação da Usina Termelétrica Candiota I. Em 1951, o Decreto-Lei nº 1.523 criou a Comissão Executiva de Candiota, responsável pelos estudos técnicos e pela construção do empreendimento, vinculado ao Plano de Eletrificação Estadual de 1943 (Iphae, 1994). A obra, iniciada em 1953 com participação das empresas francesas Alston, Stein e Roubax, estendeu-se até 1961, quando a usina entrou em operação (Centro da Memória da Eletricidade, 2001). Embora tenha funcionado até 1974, seu impacto sobre a organização espacial e social do município foi significativo, resultando na atração de trabalhadores, na formação de vilas operárias e na consolidação de identidades vinculadas ao trabalho industrial.

O processo de industrialização estruturado a partir da atuação da
Companhia Estadual de Energia Elétrica (CEEE) intensificou essa transformação, configurando Candiota como um território de dependência econômica e simbólica do setor minerário e energético. A inauguração da Usina Presidente Médici — Fase A, em 1974, e Fase B, em 1985, estabeleceu uma infraestrutura residencial e institucional associada ao trabalho, composta por moradias padronizadas, clubes, escolas, unidades de pronto atendimento e cooperativas. A hierarquia dos postos laborais refletia-se na distribuição espacial das vilas: engenheiros e técnicos residiam na Vila Residencial, enquanto operários e serventes ocupavam a Vila Operária. Essa organização socioespacial pode ser interpretada como expressão de uma lógica de ordenamento territorial vinculada à produção energética, na qual as hierarquias laborais se materializam na configuração urbana. Ao subordinar o desenho da cidade à estrutura de comando da usina, Candiota passou a refletir as relações de poder associadas ao setor carbonífero, contribuindo para a reprodução de distinções sociais e ocupacionais por meio da distribuição desigual dos espaços de moradia e trabalho.

Esse arranjo contribuiu para a configuração de uma cidade polinucleada, composta por sete núcleos: Seival, Dario Lassance, Vila Operária, Vila Residencial, João Emílio, São Simão e Bairro União. A Figura 2 apresenta a disposição espacial desses núcleos, evidenciando a fragmentação territorial e a centralidade das unidades produtivas na organização urbana de Candiota. Tal configuração urbana não decorre apenas da distância física entre os núcleos, mas também de uma lógica de planejamento orientada pelas demandas produtivas da mineração e da geração de energia.

Em 2010, a inauguração da Usina Presidente Médici – Fase C, no âmbito do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), reafirmou o papel estratégico de Candiota na matriz energética nacional. Entretanto, a desativação das Fases A e B, em 2018, provocou forte impacto social entre trabalhadores aposentados e suas famílias, que passaram a relatar a sensação de ruptura de um ciclo histórico associado às gerações corporativas.

A esse cenário se somaram as incertezas relacionadas à privatização da Eletrobras CGT Eletrosul e ao risco de leilão das moradias das vilas, intensificando percepções de insegurança e instabilidade social. A instabilidade gerada pelo desmonte das infraestruturas estatais e pela venda da usina expõe a lógica de descarte intrínseca à urbanização extrativista. No Capitaloceno, o território é explorado enquanto é produtivo para o capital energético e, ao enfrentar a transição, a cidade herda a precariedade e o ônus ambiental. As incertezas das famílias corporativas demonstram que a transição energética não é apenas uma mudança técnica, mas um momento crítico de enfrentamento de um modelo de desenvolvimento que priorizou a extração em detrimento da sustentabilidade dos modos de vida locais. Em 2021, a divulgação da proposta de alienação dos imóveis pela empresa gerou apreensão entre cerca de 1,5 mil moradores das vilas operárias e residenciais, conforme noticiado pelo portal Brasil de Fato (2021). Após anos de incertezas, contudo, as casas foram finalmente doadas



aos residentes em 2025, encerrando um prolongado período de tensão e redefinindo as relações entre Estado, empresa e comunidade local (Tribuna do Pampa, 2025).

Paralelamente, novas empresas passaram a atuar no território, assumindo a operação da Usina Presidente Médici (Fase C) e a Usina Pampa Sul, introduzindo uma lógica corporativa distinta daquela vinculada ao período estatal. O cotidiano das famílias permaneceu marcado pela presença de fumaça, poeira e resíduos provenientes da queima do carvão, compondo uma experiência sensorial frequentemente narrada pelos moradores nas observações etnográficas, como a sujeira constante, o cheiro de enxofre e a necessidade diária de limpeza das casas (Silva, 2021).

O percurso histórico de Candiota evidencia, assim, a estreita relação entre trabalho, habitação e urbanização industrial. O carvão, identificado no século XVIII e explorado comercialmente ao longo do século XX, estruturou não apenas a economia local, mas também as formas de viver, circular e construir pertencimento. Desse modo, compreender o presente urbano da cidade — marcado pela dispersão dos núcleos, pela dependência energética e pela permanência das desigualdades socioespaciais — implica reconhecer como suas trajetórias foram constituídas à sombra de suas chaminés. A compreensão dessa formação histórica e espacial permite avançar para os referenciais que orientam a leitura etnográfica e morfológica das práticas urbanas em Candiota.

Olhares etnográficos e morfológicos sobre o urbano

A etnografia e os estudos de morfologia urbana constituem referências teóricas e metodológicas centrais para compreender as práticas sociais e espaciais que estruturam o cotidiano das famílias corporativas em Candiota. Enquanto a etnografia

Figura 1- Localização do município de Candiota. Fonte: Autoras, 2026.

permite apreender as experiências, narrativas e sensibilidades associadas ao habitar, a morfologia urbana possibilita analisar como as formas espaciais, as infraestruturas e os arranjos territoriais expressam processos históricos, econômicos e socioambientais.

A morfologia urbana compreende o estudo da forma das cidades e de suas relações com os processos sociais e ambientais (Lamas, 1993; Oliveira, 2018). Nesse campo, a forma urbana não é entendida apenas como resultado das dinâmicas sociais, tampouco como elemento determinante da vida urbana, mas como uma dimensão fundamental da cidade, articulada a aspectos culturais, econômicos, políticos, ambientais e temporais (Polidori; Peres; Tomiello, 2020). Tal perspectiva permite compreender a configuração espacial como parte constitutiva das experiências urbanas, evidenciando como infraestrutura, hierarquias espaciais e padrões de ocupação influenciam práticas cotidianas e modos de pertencimento.

No caso de Candiota, a leitura morfológica contribuiu para compreender a constituição de uma cidade polinucleada vinculada à mineração e à geração de energia, na qual vilas operárias, infraestruturas industriais e deslocamentos cotidianos configuram relações específicas entre trabalho, moradia e urbanização. A análise das formas urbanas, associada aos levantamentos realizados no âmbito do projeto de Planejamento Urbano da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFPel, permitiu identificar como o espaço urbano materializa hierarquias laborais, dinâmicas de segregação e processos de dependência econômica relacionados ao setor carbonífero.

Segundo José Guilherme Cantor Magnani (2002), o trabalho etnográfico deve produzir conhecimento “de perto e de dentro”, atento às perspectivas dos interlocutores e às formas pelas quais constroem significados sobre o espaço urbano. A etnografia também pode ser relacionada à noção de duração, destacando a importância de acompanhar trajetórias, deslocamentos e temporalidades que moldam a vida urbana. Essa abordagem aparece ao afirmar que o trabalho de campo exige “uma atenção flutuante e uma escuta atenta às narrativas que revelam a espessura da vida cotidiana” (Eckert; Rocha, 2003, p. 4).

No contexto de Candiota, essa perspectiva foi fundamental para compreender como as famílias corporativas constroem continuidades e descontinuidades em seus modos de habitar, especialmente diante das transformações técnicas, territoriais e simbólicas associadas ao carvão e à transição energética. Acrescenta-se ainda a importância de “estranhar o familiar”, sobretudo quando o pesquisador compartilha referências socioculturais com o grupo investigado (Velho, 1981). No caso deste estudo em Candiota, a pesquisadora, ainda no mestrado em Antropologia, compartilhava de experiências com as famílias corporativas; já o grupo de professores e alunos da atividade extensionista não tinham vivência anterior no contexto urbano em questão.

A noção de habitar compreende, segundo Michel de Certeau (1998), percursos, táticas e modos cotidianos de invenção do espaço. Tal perspectiva permitiu compreender como as famílias corporativas reconfiguram o viver em Candiota diante das transformações urbanas, ambientais e políticas. As táticas, entendidas como modos de adaptação e produção de sentidos no cotidiano, evidenciaram como os moradores das Vilas Residencial e Operária lidam com as fronteiras entre casa, trabalho, vizinhança e cidade.

O caminhar como gesto metodológico, associado às proposições de Tim Ingold (2015), destaca a atenção sensível ao percurso e ao espaço vivido. Esse enfoque torna-se particularmente pertinente em cidades como Candiota, nas quais a infraestrutura industrial, os ritmos de trabalho e a presença minerária configuram modos específicos de viver e circular.



1. **Vila Operária.** Fonte: Autores, 2018/2.

2. **São Simão.** Fonte: Autores, 2018/2.

3. **João Emílio.** Fonte: Autores, 2018/2.



4. **Seival.** Fonte: Autores, 2018/2.



5. **Dario Lassance.** Fonte: Autores, 2018/2.



6. **Vila Residencial.** Fonte: Autores, 2018/2.



Somam-se ainda as reflexões a partir de Michel Foucault (1987) sobre espaço, poder e organização do trabalho, fundamentais para compreender como as empresas mineradoras e suas vilas estruturam modos de vida.

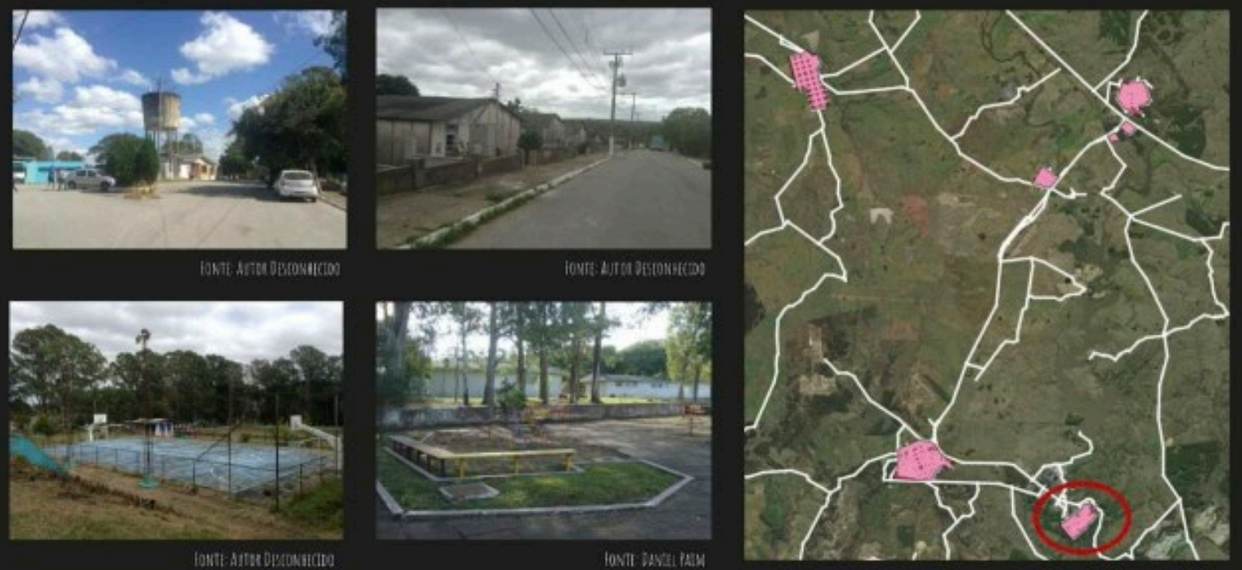
Com base nesse referencial teórico, a metodologia adotada fundamentou-se na etnografia como prática de aproximação, convivência e construção compartilhada de sentidos no campo. Em articulação com as abordagens da morfologia urbana, a pesquisa buscou compreender simultaneamente as experiências cotidianas dos moradores e as formas espaciais que estruturam o território de Candiota.

Além das interações cotidianas da pesquisadora com os moradores, o trabalho de campo articulou-se às atividades desenvolvidas no curso de Arquitetura e Urbanismo da UFPel, orientadas pelos professores Maurício Couto Polidori, Luana Pavan Detoni e Bárbara Hypólito, vinculados ao curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Entre o segundo semestre de 2018 ao longo de 2019, foram realizados exercícios in loco voltados à análise da forma urbana e das dinâmicas socioespaciais do município.

A pesquisa privilegiou a observação participante, as caminhadas etnográficas, os registros fotográficos e a escuta atenta das narrativas produzidas pelos interlocutores, especialmente nas Vilas Residencial e Operária. O trabalho de campo estruturou-se a partir de gestos interligados — ver, ouvir, caminhar, fotografar e escrever — compreendidos como modos de apreender o território por meio da experiência situada e das materialidades urbanas.

A partir desse percurso teórico-metodológico, tornou-se possível analisar como práticas cotidianas, espacialidades urbanas e vínculos comunitários estruturam

Figura 3 – Registros fotográficos dos núcleos urbanos que compõem o município de Candiota/RS. Fonte: Acervo da disciplina de Planejamento Urbano, FAURB/UFPEL, 2018.



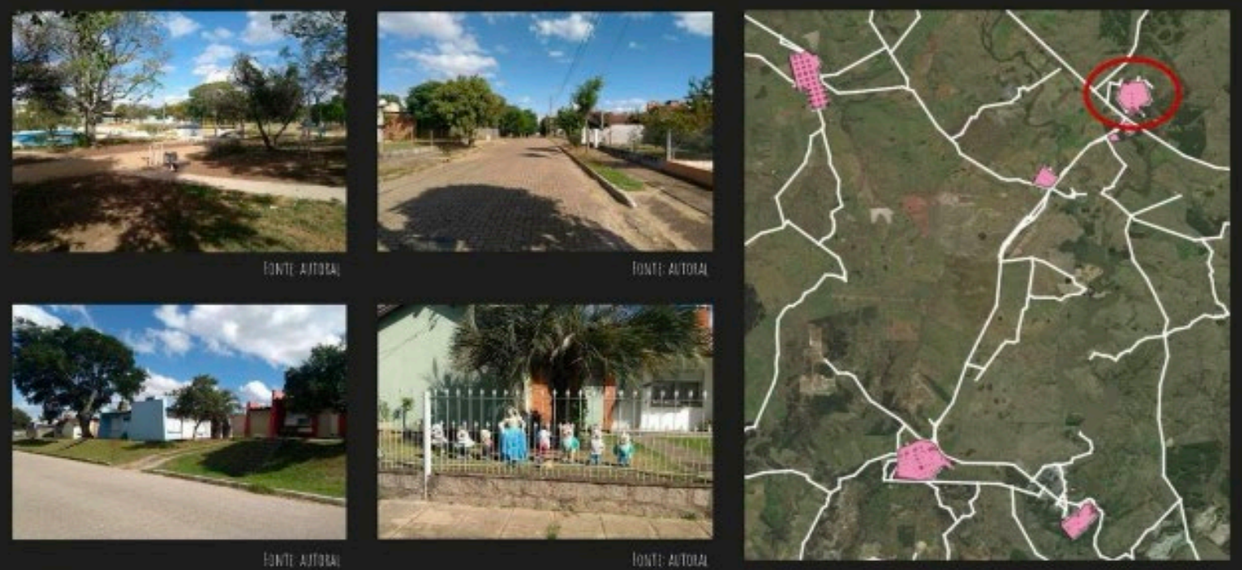


Figura 4 – Vila Residencial, Candiota/RS. Fonte: Acervo da disciplina de Planejamento Urbano, FAURB/UFPEL, 2019.

modos de habitar atravessados pelas transformações do setor energético e minerário. Embora as observações também tenham contemplado outros núcleos urbanos, como Dario Lassance, Seival, João Emílio e Bairro União, a investigação concentrou-se principalmente nas Vilas Residencial e Operária, por constituírem espaços emblemáticos das relações entre trabalho, moradia e urbanização no contexto energético de Candiota.

O habitar das famílias corporativas

Em Candiota, o habitar das famílias corporativas é atravessado pelas relações entre trabalho, infraestrutura energética e organização espacial das vilas. A configuração polinucleada do município, associada à presença das usinas termelétricas e da mineração do carvão, produziu formas específicas de circulação, pertencimento e sociabilidade diretamente vinculadas às hierarquias do trabalho industrial.

O trabalho de campo ocorreu nos núcleos urbanos de Candiota, nos arredores das usinas, nas áreas minerárias e nos trajetos que conectam vilas, rodovias e equipamentos urbanos. Esses espaços foram compreendidos não apenas como cenários, mas como elementos constitutivos da própria produção do dado etnográfico (Silva, 2021). Os registros fotográficos apresentados na Figura 3 evidenciam as distintas ambiências urbanas do município. A praça da Vila Operária revela maior vitalidade urbana, associada à concentração populacional e à intensidade das interações cotidianas. Os núcleos de São Simão e João Emílio destacam-se pelo caráter predominantemente residencial, configurando áreas de uso dormitório. Em Seival, a presença de ruínas remete às camadas históricas de ocupação e às memórias vinculadas a um tempo anterior à atividade minerária. Já Dario Lassance concentra funções político-administrativas, reforçadas pela localização da prefeitura municipal. Por fim, a Vila Residencial expressa de maneira mais evidente a ambiência característica desse

Figura 5 – Vila Operária, Candiota/RS. Fonte: Acervo da disciplina de Planejamento Urbano, FAURB/UFPEL, 2019.

território energético, marcada pela proximidade com as infraestruturas industriais e pelos modos de vida associados ao complexo termelétrico.

As caminhadas etnográficas realizadas nos diferentes núcleos urbanos permitiram observar como as distâncias, os vazios urbanos, a presença e a ausência de infraestruturas interferem nas experiências dos moradores. Caminhar pela Vila Residencial, marcada por ruas arborizadas e moradias padronizadas (Figura 4), contrastava com os percursos realizados na Vila Operária, caracterizada por outras materialidades, sonoridades e dinâmicas de convivência (Figura 5). Acompanhando deslocamentos cotidianos — da casa ao trabalho, da vila ao ponto de ônibus, entre equipamentos urbanos e áreas produtivas —, tornou-se possível identificar redes de solidariedade, ritmos urbanos e formas de apropriação do espaço que revelam como a cidade é vivida e ressignificada por seus habitantes.

As vilas organizam-se segundo hierarquias laborais que espacializam as posições ocupadas pelos trabalhadores no complexo industrial. A Vila Residencial abrigava engenheiros e técnicos, enquanto a Vila Operária concentrava carpinteiros, pedreiros e demais operários. Esse arranjo, identificado nos levantamentos realizados pela turma de Arquitetura e Urbanismo vinculada ao projeto de planejamento urbano, evidencia como o espaço urbano reproduz e materializa uma ordem de trabalho (Silva, 2021). Os relatos coletados demonstram ainda os ritmos de vida regulados pelos deslocamentos cotidianos entre casa e trabalho.

A moradia nas vilas operárias não constituía apenas um benefício funcional, mas integrava um arranjo socioespacial que articulava trabalho, domesticidade e vida comunitária. A oferta de serviços, escolas, pronto atendimento, clubes, áreas esportivas, cooperativas e equipamentos institucionais reforçava a centralidade da usina na organização da vida cotidiana. Nesse contexto, o espaço urbano operava

como extensão das relações produtivas, estruturando vínculos de pertencimento e dependência entre moradores, empresa e cidade.

As experiências narradas pelos interlocutores revelam uma forte dimensão afetiva associada às vilas. Memórias de infância, convivência entre vizinhos, brincadeiras nas ruas e relações de proximidade aparecem associadas à ideia de estabilidade e continuidade. Essas experiências evidenciam temporalidades sobrepostas, nas quais trajetórias familiares, identidades profissionais e vínculos comunitários se entrelaçam ao longo de diferentes gerações.

Ao mesmo tempo, o cotidiano das vilas também é marcado por práticas de adaptação e reinvenção dos espaços urbanos. Pequenas modificações nas moradias, usos informais de ruas e praças, circulação entre os núcleos e apropriações não previstas pelos planejamentos institucionais demonstram modos cotidianos de produzir familiaridade e permanência. Essas práticas revelam como os moradores reinterpretam e transformam os espaços regulados pelas lógicas empresariais, produzindo formas próprias de habitar e circular pela cidade.

As sensibilidades ambientais associadas ao funcionamento das usinas aparecem como um dos aspectos mais recorrentes nas narrativas dos moradores. A presença constante de fumaça, poeira e ruídos integra a experiência cotidiana das famílias, sendo frequentemente descrita como parte inseparável da vida em Candiota. Em alguns relatos, tais elementos aparecem naturalizados como consequência inevitável da atividade minerária; em outros, surgem associados a incômodos, problemas respiratórios e preocupações ambientais.

Os moradores distinguem diferentes formas de poluição, classificadas localmente como “poluição branca” e “poluição preta”, mobilizando saberes construídos a partir da convivência prolongada com o carvão e com as usinas termelétricas (Silva, 2021, p. 28-29). Poeira acumulada nas casas, cheiro de enxofre e necessidade constante de limpeza constituem elementos recorrentes nas observações de campo, compondo uma percepção sensorial específica desse espaço urbano-industrial. Tais percepções sensoriais, classificadas localmente como 'poluição branca' e 'preta', funcionam como a face da crise climática global manifestada na escala do ambiente doméstico. No contexto do Capitaloceno, o cheiro de enxofre e a fuligem nas paredes deixam de ser apenas incômodos locais para se tornarem a evidência física da dependência de matrizes fósseis, evidenciando o custo ambiental da produção energética industrial.

As transformações recentes no setor energético repercutiram diretamente sobre as experiências das famílias corporativas. O encerramento das operações das Fases A e B da usina produziu uma ruptura percebida coletivamente, afetando vínculos de trabalho, perspectivas de permanência e formas de convivência construídas ao longo de décadas. Muitos moradores aposentados referem-se a esse processo como uma desagregação socioespacial das vilas, associando o fechamento das atividades industriais à perda de centralidade econômica e simbólica da cidade.

Nesse contexto, as incertezas relacionadas à privatização das empresas estatais e ao futuro das moradias intensificaram percepções de insegurança e instabilidade. As mudanças no setor energético reconfiguraram territorialidades, pertencimentos e expectativas de futuro, especialmente em um município historicamente estruturado pela mineração e pela geração de energia.

Candiota exemplifica processos característicos do Capitaloceno, nos quais cidades dependentes de matrizes fósseis enfrentam os efeitos sociais, ambientais e econômicos da transição energética. Diante desse cenário, as famílias corporativas mobilizam memórias, redes de solidariedade e práticas comunitárias como formas de enfrentar o declínio dos postos de trabalho e as incertezas sobre o futuro urbano.

A vitalidade das sociabilidades locais, o cuidado com os espaços compartilhados e a permanência de vínculos comunitários revelam modos de resistência cotidiana que ultrapassam interpretações estritamente econômicas sobre a crise do carvão. As narrativas produzidas pelos moradores oferecem, assim, elementos para pensar o planejamento das cidades energéticas e minerárias a partir das experiências daqueles que vivem diretamente as transformações do ciclo energético e industrial.

Considerações Finais

O presente estudo buscou compreender como o habitar urbano em Candiota se constituiu a partir da articulação entre trabalho, moradia e práticas cotidianas em um território historicamente marcado pelo ciclo minerário e energético. As experiências das famílias corporativas evidenciaram que o espaço urbano não pode ser compreendido apenas como resultado de políticas estatais ou decisões técnicas, mas como campo de significações continuamente produzido pelos sujeitos que vivem, percorrem, narram e reinterpretam a cidade e suas transformações.O estudo atingiu seu objetivo ao demonstrar que o habitar em Candiota é uma forma de permanência cotidiana às instabilidades do Capitaloceno.

O percurso metodológico, fundamentado na observação participante, nas caminhadas etnográficas e na escuta das narrativas dos moradores, permitiu compreender as Vilas Residencial e Operária como um arranjo socioespacial que materializa simultaneamente hierarquias laborais, formas de convivência e modos específicos de pertencimento. As práticas cotidianas observadas — capazes de desconfigurar usos institucionais, fronteiras urbanas e espacialidades planejadas — mostraram-se centrais para compreender a produção do urbano em Candiota, evidenciando táticas por meio das quais os moradores enfrentam as imposições e incertezas de um território moldado pela mineração e pela geração de energia.

Ao longo do trabalho de campo, tornou-se evidente que as transformações recentes do setor energético — como o fechamento de unidades,os processos de privatização, as mudanças na gestão dos empreendimentos e as incertezas relacionadas à permanência nas moradias — incidem diretamente sobre a vida urbana local. Esses processos produziram sentimentos de descontinuidade e instabilidade, afetando modos de vida que, durante décadas, estruturaram sociabilidades, ritmos cotidianos e vínculos comunitários. As experiências narradas pelos moradores revelam, assim, como decisões de ordem macroeconômica são vividas de forma situada, produzindo efeitos concretos sobre territorialidades, expectativas e imaginários de futuro.

O material etnográfico evidenciou ainda que as questões socioambientais constituem a dimensão central do habitar em Candiota. Experiências relacionadas à poeira, à fumaça, aos ruídos e às texturas do carvão compõem atmosferas que atravessam o cotidiano e configuram modos específicos de perceber e qualificar o espaço urbano. Essas vivências expressam dinâmicas próprias de cidades energéticas e minerárias, nas quais trabalho, ambiente e urbanização se entrelaçam na construção de significados e de críticas às dinâmicas produtivas. Ao mesmo tempo, a permanência de redes comunitárias, memórias corporativas e práticas coletivas demonstra a força das sociabilidades locais como formas de enfrentamento das incertezas associadas à transição energética.

Compreender Candiota implicou, portanto, reconhecer a densidade histórica de suas formas urbanas e a complexidade das experiências que constituem seus modos de habitar. Nesse sentido, a interlocução entre etnografia e morfologia urbana mostrou-se fundamental para articular práticas espaciais, formas urbanas e experiências sensíveis produzidas no cotidiano das vilas e dos núcleos urbanos do município.

Por fim, este estudo contribuiu para ampliar as reflexões sobre cidades energéticas e minerárias no contexto do Capitaloceno, evidenciando como práticas espaciais, memórias afetivas e sociabilidades locais tornam-se fundamentais para planejar futuros urbanos em territórios atravessados por instabilidades produtivas e desafios ambientais. As trajetórias das famílias corporativas analisadas demonstraram que, mesmo diante de incertezas da transição energética, a cidade permanece como espaço de disputa, permanência e reinvenção cotidiana, oferecendo elementos para repensar o urbano em regiões historicamente dependentes de matrizes fósseis.

Referências

BRASIL DE FATO. *Privatização da Eletrobras pode desabrigar 1,5 mil pessoas em Candiota* (RS). 23 jul. 2021. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/07/23/privatizacao-da-eletrobras-pode-desabrigar-1-5-mil-pessoas-em-candiota-rs\>. Acesso em: 26 nov.2025.

CENTRO DA MEMÓRIA DA ELETRICIDADE NO BRASIL. *Histórico da Usina Candiota I.* Rio de Janeiro, 2001.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer.* Petrópolis: Vozes, 1998.

ECKERT, Cornelia; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. O tempo e a cidade: notas para uma etnografia da duração. *Revista de Antropologia*, v. 46, n. 1, p. 1-22, 2003.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão.* Petrópolis: Vozes, 1987.

INGOLD, Tim. *Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição.* Petrópolis: Vozes, 2015.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL (IPHAE) Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado. *Inventário sobre a Usina Termelétrica Candiota I.* Porto Alegre, 1994.

LAMAS, José Manuel Ressano Garcia. *Morfologia urbana e desenho da cidade.* Lisboa: Dinalivro, 1993.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. *De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana.* São Paulo: Terceiro Nome, 2002.

OLIVEIRA, Vitor (Org.) Diferentes abordagens em morfologia urbana: contributos luso-brasileiros Porto: FEUP. Disponível em: https://vitoroliveira.fe.up.pt/pdf/diferentes-abordagens-em-morfologia-urbana.pdf Acesso em: 26 nov. 2025.

POLIDORI, Maurício Couto; PERES, Otavio Martins, TOMIELLO, Fernanda. Modelagem e morfologia urbana com o PeopleGrid. *urbe, Rev Bras Gest Urbana* [Internet]. 2020. Disponível em: https://doi.org/10.1590/2175-3369.012.e20190234. Acesso em: 26 nov. 2025.

SILVA, Rosilene Oliveira. *A cidade que cresceu à sombra da usina: sobre o habitar das famílias eletricitárias na cidade de Candiota/RS.* 2021. 105 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2021.

TRIBUNA DO PAMPA. Moradores das vilas operárias de Candiota recebem doação das casas após cinco anos de espera. Candiota, 2025. Disponível em: <https://www.tribunadopampa.com.br\>. Acesso em: 26 nov.2025.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS. *Acervo da disciplina de Planejamento Urbano – FAUrb/UFPel (2018-2019).* Disponível em: https://planurbfaurbufpel.wixsite.com/inicio/2018-2. Acesso em: 26 nov. 2025.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. Transição energética justa está entrelaçada à preservação do Bioma Pampa. *Jornal da UFRGS*, Porto Alegre, 2025. Disponível em: https://www.ufrgs.br/jornal/transicao-energetica-justa-esta-entrelacada-a-preservacao-do-bioma-pampa/. Acesso em: 29 dez. 2025.

VELHO, Gilberto. *Observando o familiar.* Rio de Janeiro: Zahar, 1981.